

## O TEXTO PASSADO A LIMPO

Adylla Rocha Rabello  
Fundação Casa de José Américo

**RESUMO** - Em 1976, José Américo de Almeida lança seu último livro de memórias intitulado *Antes que eu me esqueça*, em que conta episódios de sua infância. Numa nota introdutória, ele declara ter rejeitado um outro texto, sobre o mesmo assunto, por não corresponder às suas expectativas. Localizado o referido manuscrito, no arquivo do escritor (Fundação Casa de José Américo), verificamos que o mesmo funcionou como roteiro da obra publicada. Neste estudo fazemos a desmontagem da narrativa de um dos parágrafos do manuscrito e do capítulo correspondente ao texto publicado, para verificar as modificações operadas pelo autor no processo de recriação.

**ABSTRACT** - In 1976, José Américo de Almeida publishes his last book of memories called *Antes que me esqueça* in which he tells stories about his childhood. In an introductory note, he said that he refused the first text he had written because he did not like it. After the original manuscript had been found in his archives, we discovered that it worked as a guideline for the published work. In this study, we compare one of the paragraphs of the manuscript and the corresponding chapter in the published text, to see the modifications that were made by the author in the process of re-creation.

**RÉSUMÉ** - En 1976, José Américo de Almeida publie son dernier livre de mémoires intitulé *Antes que me esqueça* où il raconte des épisodes de son enfance. Dans une note préliminaire, il avoue avoir rejeté un autre texte sur le même sujet parce qu'il ne correspondait pas à son attente. Ayant trouvé ce premier manuscrit dans les archives de l'écrivain, nous avons constaté qu'il a fonctionné comme une espèce de scénario pour la construction du récit publié. Cette étude réalise donc le démontage du récit d'un des paragraphes du manuscrit et le confronte au chapitre correspondant dans l'oeuvre publiée.

Muitas vezes, a obra publicada nos remete aos seus manuscritos que, se encontrados, podem fazer surpreendentes revelações. Este é o caso de um dos livros de memórias de José Américo de Almeida, intitulado *Antes que me esqueça*<sup>1</sup>, publicado pela Francisco Alves, em 1976.

Na obra, o autor fala de sua infância, que chamou de "idade ingênua", e compreende três partes: "Menino de engenho", "O tio padre" e "No seminário". Antes de começar a narrativa, o autor, escritor e homem público, inseriu um preâmbulo sob o título "Aos que esperaram", em que se justifica perante o leitor pela demora da publicação: "Este livro representa um velho compromisso. Anunciado, retardou-se anos e anos, por ter eu me empenhado em outras tarefas".

Na sequência da mesma nota, o geneticista encontra uma espécie de desafio, vez que o autor ali declara ter reelaborado o texto, o que significa dizer que existe ou existiram outra(s) versão (ões) da obra: "Acumulei matéria suficiente e passei a redigir. O que fora feito era, em vez de memória, psicologia aplicada, sociologia aplicada, geografia humana e não o que eu concebera. Cancelei tudo e acabei fazendo um trabalho todo novo". Esta última frase, principalmente, funciona como a ponta do fio que leva à parte do novelo, não exposta.

A esta informação, explícita, junta-se uma declaração feita pelo autor, em carta à José Olympio Editora, datada de 28 de setembro de 1956, falando sobre a construção de seus livros de memória: "Memória é uma coisa muito séria que não deve confundir-se com reportagem. Daí alguma delonga para

reexames que darão mais sentido a esse esforço de recuperação".

Estes indícios estimularam o fascínio que o momento da criação exerce sobre o pesquisador do manuscrito e nos levaram à fonte.

Pesquisando no arquivo de José Américo<sup>2</sup>, encontramos o aludido manuscrito. Embora sob outro título, a narrativa apresenta os temas da obra publicada, porém de forma sucinta e em ordem diferente.

O acesso a esse documento constitui-se no acender das luzes do intrincado labirinto do processo criativo, pois, como diz Cecília Almeida Salles, falando sobre o encontro do geneticista com o manuscrito, "Ele tem um objeto concreto nas mãos, marcas palpáveis deixadas pelo escritor: rascunhos, diários, anotações, etc. Ele tem um fenômeno nas mãos, assim como os sintomas de uma doença ou um pôr-do-sol". E, citando P.M. Biasi, ela acrescenta: "Os manuscritos antes do geneticista são um objeto em potencial. Seu trabalho os transforma num objeto reconstituído. Mas seu trabalho não pára aí. O objeto reconstituído passa por um cuidadoso processo de análise tornando-se um objeto esclarecedor. Isto é, possibilita conhecer um pouco mais da gênese da obra de arte"<sup>3</sup>.

### O Corpus

O manuscrito, objeto de nosso estudo, faz parte do texto "Auto crítica" que, como já nos referimos, foi reelaborado pelo autor e publicado sob o título *Antes que me esqueça*. Esse documento está incompleto, constituindo-se de 17 folhas de papel tipo ofício,

datilografadas e apresentando rasuras grafadas pela mão de José Américo, cuja caligrafia comprovamos. São cortes, acréscimos, chaves e sinais de correção ortográfica.

A nossa análise limita-se a um fragmento do segundo capítulo, intitulado: "A personalidade que madruga", cuja narrativa, composta por sete parágrafos, está distribuída em seis capítulos da obra publicada.

### MANUSCRITO

### OBRA PUBLICADA

	Páginas
"O menino chorão"	20-21
"Os primeiros arranhões"	21-22
"A personalidade que madruga" → "Maria Canção"-"Cosmorama"	33-36
→ "Minha serva, minha mestra"	37-41
→ "A caravana azul"	42-45
→ "Homem de letras"	56-58

Detemo-nos no segundo parágrafo que corresponde ao capítulo "Os primeiros arranhões" em que José Américo fala sobre o desaparecimento de sua ama seca.

Conquanto este trabalho não vise à leitura de rasuras, faremos a transcrição do fragmento do manuscrito apresentando as ocorrências que marcam a presença da mão criadora. Para identificá-las adotamos a seguinte simbologia:

[ ] = rasura

< > = acréscimo

[ ] = acréscimo com rasura

### Manuscrito

Minha ama sêca abandonou a \*casa, sem dar satisfação. No [t] tando sua falta, saí a procurá-la pelo [s] sítio, aos tombos, parando aquí e alí, para escutar-lhe a tosse, o gogo de uma bronquite [crônica], até [< que fosse >] ser encontrado no mato, coberto de arranhaduras, gritando pelo seu nome. Era a sensibilidade a despontar e a doer como os espinhos que me cortavam o corpo.

### Obra publicada

Maximiana, a mulata trintona que ajudava a criar-me, despediu-se da casa, sem dar satisfação. Foi-se embora, sem mais nem menos, deixando de preparar-me o espírito para o choque que causava. Era desamorosa, mas dispensava-me cuidados que me faziam viver agarrado à barra de sua saia. Eu necessitava de proteção e queria-lhe um bem enorme, porque morava nos seus braços e adormecia com a cabeça no seu colo.

Notando-lhe a falta, andei a procurá-la na cozinha, nos quartos, na despensa, na capela, no muro que ficava ao lado, por todos os cantos, sem conseguir dar com ela.

Barafustei atrás das portas, debaixo das camas e, desenganado, saí pelo terreiro. Como tinha chovido,

um cururu amarelo e corpulento trafegava na lama com a língua comprida e rubra, a encher-se de tanajuras.

Ela dera um sumiço; eu não a achava em parte alguma. Não restava a menor dúvida: arribara.

Bati por outros lugares, até chegar a este absurdo: se não era encontrada ali, só estando na mata. Para minha imaginação nascente havia dois mundos: a casa e a mata fronteira que se apresentava no alto, bem na frente, como um refúgio inviolado. Naquele recesso as sombras penetravam antes do anoitecer.

A cabeça fantasista começava a trabalhar. Ela tomava conta de mim e largara-se para tão longe que eu não podia adivinhar. A massa verde chamava-me para descobrir o segredo e botei-me para lá, gritando pelo seu nome, ladeira abaixo, aos tombos, amassando o mato ralo e ferindo-me nos espinhos.

Atravessei o balde do açude a caçá-la. Ninguém.

Parava tomando fôlego ou para escutar-lhe a tosse, o grasnado da bronquite que iria morrer com ela. Ninguém. Ninguém me aparecia. A voz rouca que, nas noites frias do brejo, me ninava tossindo, emudecera.

Eu estava arrasado e precisava de colo.

Morto de cansaço, deitei-me à sombra de um araticum-cago, cujos frutos caíam no chão, espapaçados, como uma poia. E um formigueiro aceso deu em cima de mim, queimando-me o corpo.

Afinal, fui encontrado, largado nos calumbis, sujo e escoriado. O corpo nu estava todo arranhado, como se tivesse sido costurado com linha encarnada.

Maximiana arranjou depois um filho de criação.

Trocou-me pelo moleque Rosendo que não deu para nada. Minha ama-seca coitada, não tinha boa mão ...

Para demonstrar o processo de reelaboração do texto, fazemos a desarticulação das duas narrativas:

## MANUSCRITO

(1) Minha ama seca

(2) abandonou a casa sem dar satisfação .

(3) Notando sua falta saí a procurá-la ...

## TEXTO PUBLICADO

Maximiana, a mulata trintona que ajudava a criar-me ...

... despediu-se de casa, sem dar satisfação. Foi-se embora, sem mais nem menos, deixando de preparar-me o espírito para o choque que causava. Era desamorosa, mas dispensava-me cuidados que me faziam viver sempre agarrado à barra de sua saia. Eu necessitava de proteção e queria-lhe um bem enorme, porque morava nos seus braços e adormecia com a cabeça no seu colo.

Notando-lhe a falta, andei a procurá-la na cozinha, nos quartos, na dispensa, na capela, no muro que ficava ao lado, por todos os cantos, sem conseguir dar com ela. Barafustei atrás das portas, debaixo das camas e, desenganado, saí pelo terreiro. Como tinha chovido, um cururu amarelo e corpulento trafegava

na lama com a língua comprida e rubra, a encher-se de tanajuras. Ela dera sumiço: eu não a achava em parte alguma. Não restava a menor dúvida: arribara.

(4) ... pelo sítio

Bati por outros lugares até chegar a este absurdo: se não era encontrada ali, só estando na mata fronteira que se apresentava no alto, bem na frente, como um refúgio inviolado. Naquele recesso as sombras penetravam antes de anoitecer.

Era a sensibilidade a despontar e a doer como os espinhos que me cortavam o corpo.

A cabeça fantasista começava a trabalhar.

Este trecho da narrativa, na obra publicada, corresponde ao último fragmento do manuscrito. É uma reflexo do autor no momento da criação, notando-se em seguida, no processo da reescritura, uma volta à idéia inicial. Assim sendo, repetimos os fragmentos iniciais do manuscrito para demonstrar a equivalência no texto publicado.

(5) Minha ama seca

Ela tomava conta de mim

(6) ... e abandonou a casa sem dar satisfação

... largara-se para tão longe que eu não podia adivinhar

(7) Notando sua falta saí a procurá-la pelo [s] sitio, aos tombos ...

A massa verde chamava-me para descobrir o segredo e botei-me para lá, gritando pelo seu nome, ladeira abaixo, aos tombos, amassando o mato ralo e ferindo-me nos espinhos. Atravessei o balde do açude a caçá-la. Ninguém.

(8) parando aqui e ali, para escutar-lhe a tosse, o gôgo de uma bronquite [crônica] crônica

Parava tomando fôlego ou para escutar-lhe a tosse, o grasnado da bronquite que iria morrer com ela. Ninguém. Ninguém aparecia. A voz rouca que, nas noites frias do brejo, me ninava tossindo, emudecera. Eu estava arrasado e precisava de colo. Morto de cansação deitei-me à sombra de um araticum cago, como uma poia. E um formigueiro aceso deu em cima de mim, queimando-me o corpo.

(9) ... até [que fosse] ser encontrado no mato

Afinal fui encontrado largado nos calumbis,

(10) coberto de arranhaduras gritando pelo seu nome

... sujo escoriado. O corpo me estava todo arranhado, como se tivesse sido costurado com linha encarnada.

O último parágrafo do capítulo publicado não corresponde ao manuscrito. Trata-se de uma

informação que denota um distanciamento do tempo da narrativa.

Maximiana arranjou um filho de criação. Trocou-me pelo moleque Rosendo que não deu para nada. Minha ama-seca, coitada, não tinha boa mão ...

O título "Os primeiros arranhões" não foi posto ao acaso, pois faz eco com toda a trama nos níveis: denotativo e metafórico, que correspondem aos arranhões do corpo e da alma na "idade ingênua".

#### MANUSCRITO

#### OBRA PUBLICADA

coberto de arranhaduras  
gritando pelo seu nome

Um formigueiro aceso deu em  
cima de mim queimando-me  
o corpo.

que me cortavam o corpo

nu todo arranhado.

O cotejo dos dois textos demonstra que José Américo conservou-se fiel a idéia inicial registrada no manuscrito. A coerência se mantém, até o final do capítulo da obra publicada, se bem que sejam constatados em todos os fragmentos operações retóricas variando entre adjunção, permutação, acumulação e detalhamento.

A forma sintética do manuscrito caracteriza-o como uma das lembranças guardadas nos desvãos da

memória, conforme o autor confessa no início do capítulo estudado: "Sou teimoso. Vou rastreando o tempo para exumar alguma coisa do limbo [...] Não deixarei de inquirir até salvar o que se acha em via de esquecimento. Dou outro salto para trás, a excogitar, a vasculhar, tentando identificar-me. Uma noite dessas levantei-me para uma anotação. O que parecia um sonho ainda não estava desfeito nos caminhos percorridos".

Considerando a idade do autor, à época da construção do manuscrito, assim como da reelaboração das lembranças constatadas no texto publicado, apoiamo-nos nas palavras de Ecléa Bosi ao falar sobre memória: "O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas quando o faz, é como se este lhe sobrevivesse em forma de sonho. [...] Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado da substância mesma da sua vida"<sup>4</sup>.

O manuscrito, embora sem data, dever ter sido escrito pelo "adulto ativo" no fim dos anos cinquenta conforme ele relata na mesma carta ao seu editor: "Tenho recebido seus livros e recados sem um agradecimento e uma resposta, até hoje, à espera de mandar dizer-lhe a respeito de minhas memórias alguma coisa definitiva. [...] Só esta semana dispus tudo para um trabalho imediato [...] Espero dar o primeiro o mais tardar, no princípio do ano vindouro, sendo possível os três em 1957".

Motivos políticos levaram o escritor a inverter a ordem cronológica da publicação. E, com a idade mais

avanzada, já no retiro voluntário a que se submeteu a partir de 1958, ele reelaborou o texto que publicou aos 89 anos. Afastado das lutas e contradições do presente, José Américo conseguiu resgatar, com toda plenitude, as filigranas que embelezam um passado então esmaecido pelo tempo.

### Notas e Referências Bibliográficas

1. Para este estudo utilizamos a 2ª edição da obra *Antes que me esqueça*, publicada pela Fundação Casa de José Américo (FCJA) em 1986.
2. O arquivo do escritor encontra-se na FCJA situada à Avenida Cabo Branco 3336, Cabo Branco, João Pessoa, PB.
3. SALLES, Cecília Almeida *Crítica Genética - uma introdução* São Paulo: EDUC, 1992
4. BOSI, Ecléa *Memória e sociedade: lembranças de velhos* 2ª ed. São Paulo: USP, 1987. p. 23.